

## Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica

Dermeval da Hora  
Juliene Lopes R. Pedrosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HORA, D., and PEDROSA, JLR. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 112-128. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

---

# Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica

---

*Dermeval da Hora*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CNPQ

*Juliane Lopes R. Pedrosa*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

## Introdução

A avaliação do sistema consonantal do português brasileiro tem sua primeira definição em Câmara Júnior (1970), com base no dialeto carioca. Para classificar as consoantes, o autor estabelece como ponto de partida a sua posição na sílaba. Assim, são definidas as consoantes em posição de início da sílaba, ou de ataque, as que ocupam a posição de segundo elemento do ataque complexo e as que ocupam a posição de coda.

Em se tratando da posição de coda, as consoantes que a preenchem são: /S/, /N/, /r/, /l/. Neste capítulo, examinaremos apenas a primeira, ou seja, a fricativa. Trataremos das fricativas coronais em posição pós-vocálica e, para melhor analisá-las, descreveremos o seu comportamento variável no português, relacionando-as com a sua trajetória histórica e com outras línguas românicas.

Dois objetivos norteiam este capítulo: (a) estabelecer o quadro variável que as fricativas coronais apresentam no português brasileiro; (b) propor um quadro comparativo, levando em consideração o fator histórico e dialetal.

O capítulo está assim estruturado: na primeira seção, será apresentada a história do /S/ pós-vocálico, mostrando seu percurso do latim ao português. Traçaremos, a partir dos trabalhos de Cardeira (2006), Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996), os caminhos que as fricativas coronais pós-vocálicas seguiram do latim às línguas românicas, especificamente ao português; na segunda seção, exporemos a variação das fricativas coronais pós-vocálicas no português brasileiro, utilizando os dialetos do Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP, Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA (CALLOU, LEITE, MORAES, 2002); de Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002); e de João Pessoa-PB (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006). Com base nos resultados dessas pesquisas, estabeleceremos o perfil da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro.

## História do /s/ pós-vocálico: do latim ao português

O processo de mudança das fricativas coronais<sup>1</sup> do latim ao português é estudado observando-se a posição que ocupa na sílaba, porque, em função

<sup>1</sup> Constatamos que existe uma diversidade terminológica relativamente grande para o /s/ e suas variantes entre os trabalhos de cunho diacrônico e sincrônico. Encontramos o termo “fricativas coronais” como referência à

disso, os caminhos de mudança podem ser distintos. No entanto, na mudança ocorrida no /s/ inicial e no pós-vocálico, os processos são os mesmos.

Segundo Teyssier (2001), a palatalização, bastante recorrente já na passagem do latim ao galego-português, foi responsável pelo aparecimento das africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. É importante ressaltar a presença das vogais /i/, /e/ e do iode /j/ no processo de transformação de consoantes em africadas palatais, já que as vogais e o iode eram os responsáveis pela aproximação das consoantes ao ponto de articulação palatal.

As africadas palatais seguiram vários caminhos no decorrer da mudança fonética, resultando em fonemas antes desconhecidos no latim imperial: /ts/, presente em palavras como *pretium* > port. *preço*; /dz/, como em *pretiare* > port. *prezar*; /dʒ/, presente em palavras como *hodie* > port. *hoje* e /ʃ/, como na palavra *rüssëum* > port. *roxo*.

No galego-português, além dos fonemas palatais decorrentes de mudanças relacionadas com as vogais e com a semivogal palatais, os grupos iniciais *pl-*, *cl-* e *fl-* sofreram palatalização do *l-*, dando origem à africada [tʃ], escrita *ch*, a exemplo de *plaga* > *chaga*. Essa mudança também foi observada no leonês ocidental, diferentemente do castelhano e do leonês oriental, que, após a palatalização do *l-*, perderam a consoante inicial, restando, apenas, o segmento palatal, transcrito como *ll-*, a exemplo de *plaga* > *llaga* (TEYSSIER, 2001; CARDEIRA, 2006).

De acordo com Teyssier (2001), no galego-português de 1200 a aproximadamente 1350, havia, em posição inicial da sílaba, as africadas alveolares: surda (/ts/, escrita *c* e *ç* antes de *e* e *i*) e sonora (/dz/, escrita *z*); as dentais-alveolares: surda (/s/, escrita *ss* em distribuição intervocálica e *s* nas outras situações) e sonora (/z/, escrita *s* e utilizada apenas na posição intervocálica); as africadas palatais: surda (/tʃ/, escrita *ch*) e sonora (/ʃ/ ou /dʒ/, que, alternando entre a africada palatal e a palatal, era escrita *g* ou *j*); e, por fim, a palatal surda (/ʃ/, escrita *x*).

A partir do século XIV, já separados, o galego e o português apresentavam características que os diferenciavam, principalmente em relação ao ensur-

---

variável /s/ e às suas variantes nos dois casos, mas o termo "sibilantes", utilizado na perspectiva diacrônica, é substituído pelo termo "fricativas alveolares e interdentais" nos trabalhos sincrônicos, assim como o termo "chiantes", pelo termo "fricativas palatais ou palatoalveolares". Optamos, para simplificar, por nos referirmos às fricativas coronais observando o seu ponto de articulação: fricativas alveolares, interdentais e palatoalveolares, independentemente de estarmos citando um trabalho sincrônico ou diacrônico.

decimento das fricativas sonoras no galego, representadas na grafia por *z*, *-s-* e *j*, confundidas com o /s/ interdental, representado por *ç*, *-ss-* e *x* na grafia; e à transformação de /g/ em /ʒ/, processo ocorrido em toda a Galícia ocidental, que ficou conhecido como fenômeno “geada”.

No português europeu, por volta de 1500, as africadas alveolares tinham perdido seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição anteriormente feita entre as africadas dentais-alveolares e as fricativas apicoalveolares passa a ser estabelecida entre os fonemas pré-dorsodentais, pronúncia derivada das fricativas (escrito *ç* e *c* antes de *e* e *i* o fonema surdo e *z* o sonoro), e apicoalveolares (escrito *s-* e *-ss-* o fonema surdo e *-s-* o sonoro).

Em meados de 1550, confusões na ortografia desses fonemas levam os historiadores a acreditar que a distinção fonética entre eles deixa de existir, fato efetivado nos fins do século XVI. Assim, no português do Centro-Sul do país, os falantes optam pelas pré-dorsodentais, enquanto, no português falado do Noroeste-Centro-Leste, optam pelas apicoalveolares, conhecidas como ‘*s beirão*’. No Nordeste, região considerada mais conservadora, a distinção entre os fonemas permanece.

As africadas palatais surdas também passaram por um processo de perda do elemento inicial oclusivo. Assim, com a pronúncia palatal para os dois fonemas, a escrita antes distinta da africada palatal, representada por *ch*, e da palatal, representada por *x*, passa a ser confundida.

É consenso entre Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996) e Cardeira (2006) que a primeira referência à palatalização do /s/ implosivo ou /s/ em coda consta em Verney (1746). A hipótese mais provável é que *s* e *z* implosivos pronunciados como dentais-alveolares tenham passado, por volta do século XVI, a palatais no português europeu. Assim, em contexto anterior a consoantes surdas e em final absoluto, tem-se a palatal surda [ʃ], a exemplo de *faz frio*, *vista* e *atrás #*; e, antes de consoante sonora, a palatal sonora [ʒ], a exemplo de *mesmo* e *depois dele*.

Considerado fato comum no português europeu de hoje por Teyssier (2001), a palatalização não se generalizou nos dialetos setentrionais, no português brasileiro e no galego, como mencionamos anteriormente. Nos falares do Norte de Portugal, há a predominância de *-s* e *-z* implosivos como apicoalveolares, e, nos falares do Nordeste, o *-s* é pronunciado como apicoalveolar, e o *-z*, como pré-dorsodental.

Na maior parte do Brasil, a pronúncia é majoritariamente alveolar, sendo a pronúncia palatoalveolar característica de alguns lugares, a exemplo do Rio de Janeiro e Recife, fato que veremos com mais detalhes na segunda seção, referente à análise sincrônica dos dialetos brasileiros.

Uma observação importante feita por Mattos e Silva (1996) é que, à exceção do morfema flexional de plural nos nomes e verbos, e das consoantes finais de instrumentos gramaticais, o /s/ implosivo não corresponde às consoantes finais latinas; ele é, de fato, decorrente do apagamento da vogal final não acentuada do latim ou, ainda, do apagamento dessa vogal e da consoante que a segue, a exemplo de *mense* > *mês* e de *facit* > *faz*, *fecit* > *fez*, respectivamente. A autora também destaca que, no quadro de formação dos fonemas do português, a posição inicial tende a ganhar, a final tende a perder, e a medial, a enfraquecer, não chegando ao apagamento e muitas vezes compensando-o com outros itens inexistentes no latim, a exemplo da palatal.

## Análise variacionista do português brasileiro<sup>2</sup>

Os trabalhos sociolinguísticos nos permitem descrever detalhadamente o /s/ pós-vocálico nos dialetos brasileiros, estabelecendo estatisticamente a relação entre essa variante e as restrições que a determinam. Tivemos a preocupação de buscar um maior número de dialetos, para delinear um amplo panorama do comportamento do /s/ pós-vocálico no português brasileiro.

É importante ressaltar que as descrições e análises dos trabalhos que apresentaremos a seguir utilizam-se de resultados estatísticos obtidos através do Pacote de Programas VARBRUL (PINTZUK, 1988), versão DOS, e/ou do Programa Goldvarb (RAND; SANKOFF, 1990), versão para ambiente Windows. Esses programas são matematicamente aprimorados, conseguindo expressar os seus resultados através de porcentagens e de pesos relativos.

A apresentação dos trabalhos será feita na ordem cronológica de realização das pesquisas, com o intuito de explicitar os métodos utilizados pelas primeiras e as adaptações feitas pelas que se seguiram.

<sup>2</sup> É importante salientar que as figuras e as tabelas expostos nesta seção são de nossa autoria, muito embora tomem por base os dados presentes nos trabalhos mencionados no decorrer do texto.

## O /s/ pós-vocálico em cinco capitais brasileiras

O trabalho de Callou, Leite e Moraes (2002) tem por objetivo principal discutir o processo de enfraquecimento das consoantes no português brasileiro. Para tanto, analisam-se as consoantes /l/, /r/, /s/ pós-vocálicas nos dialetos do Rio de Janeiro-RJ, de São Paulo-SP, Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA, em ocorrências extraídas do banco de dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), cujos informantes são universitários estratificados em relação à idade, ao sexo e à origem geográfica.

Ao analisar-se o /s/ pós-vocálico, foi obtido um total de 9.026 ocorrências, somando-se as cinco capitais pesquisadas, registrando-se realizações da fricativa sob a forma palatal, aspirada, alveolar e apagada, tendo-se priorizado o uso da palatal em relação às demais variantes.

Os resultados gerais dos dialetos são mostrados em relação à posição que a fricativa coronal ocupa na palavra, se medial ou final. Para uma melhor visualização da distribuição das variantes, exporemos separadamente os resultados em cada um dos dialetos (Figuras 1 a 5).

Em relação ao Rio de Janeiro, o comportamento do /s/ pós-vocálico em falantes cultos é bastante semelhante na posição medial e na final: palatal (90% e 75%), aspirada (6% e 10%), apagamento (2% e 8%), alveolar (1% e 8%), sendo a palatal a variante mais freqüente, tanto na posição medial quanto na final, com porcentagens bem distantes das demais, como demonstra a Figura 1.

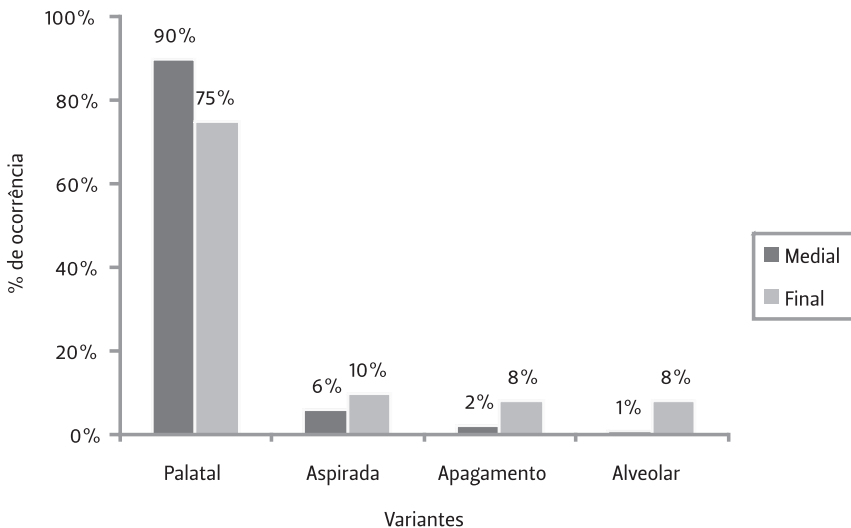


Figura 1 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final no Rio de Janeiro

No dialeto culto de São Paulo, a variante mais frequente é a alveolar com 88% e 91% nas posições medial e final, respectivamente. As outras variantes têm uma frequência baixíssima, inclusive não havendo dados de aspiração em nenhuma das posições. A palatal apresenta 9% na posição medial e 5% na posição final, e o apagamento, 3% nas duas posições, como expõe a Figura 2.

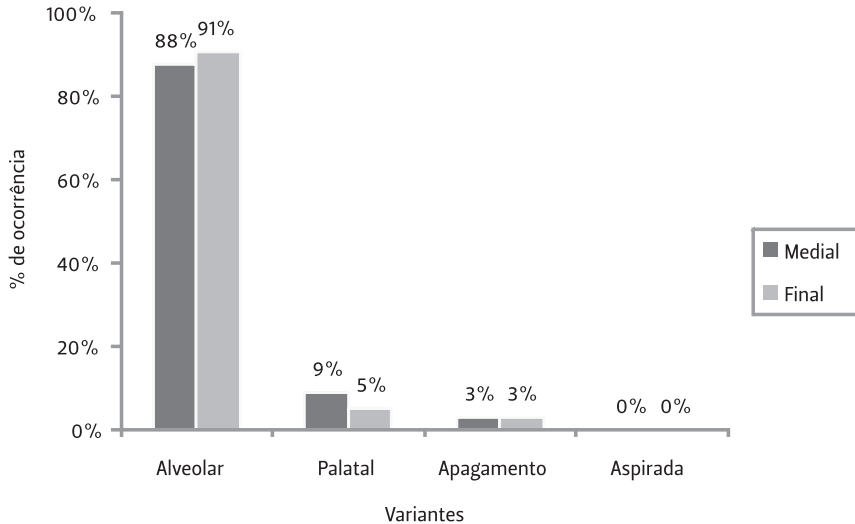


Figura 2 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em São Paulo

Os resultados do dialeto culto de Porto Alegre são semelhantes aos de São Paulo: alveolar (77% e 96%), palatal (23% e 2%), apagamento (0% e 1%), aspirada (0% e 0%), como comprova a Figura 3. No entanto, dois aspectos bastante interessantes merecem destaque nesse dialeto: a relação inversamente proporcional das variantes palatal e alveolar e a disparidade nas porcentagens em relação à posição na palavra, distinguindo-as das outras duas variantes que têm uma frequência bem próxima nas duas posições.

No dialeto culto de Recife, em posição medial e final, as variantes palatal (84% e 54%) e alveolar (10% e 34%) também apresentam resultados bem distantes, enquanto para as demais variantes são mais próximos: aspirada (5% e 7%) e apagamento (2% e 5%), como está apresentado na Figura 4. É importante ressaltar que a variante palatal é a mais frequente, de modo semelhante ao dialeto culto do Rio de Janeiro.



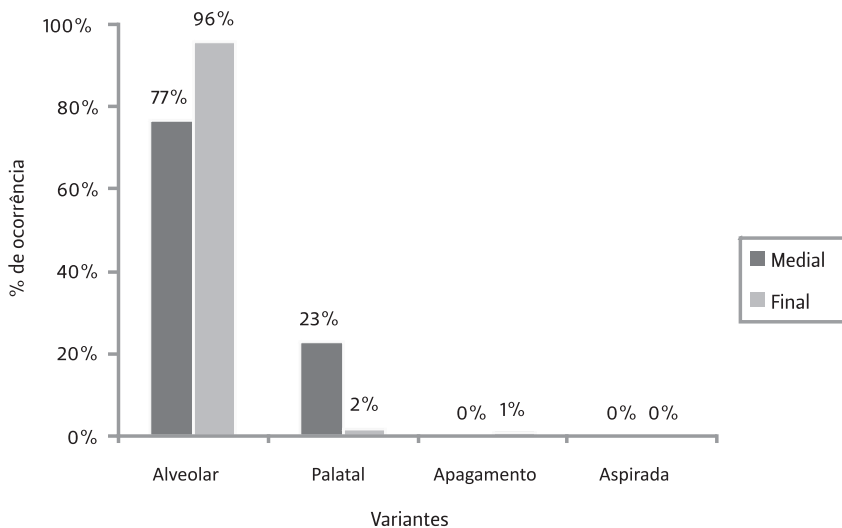


Figura 3 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Porto Alegre

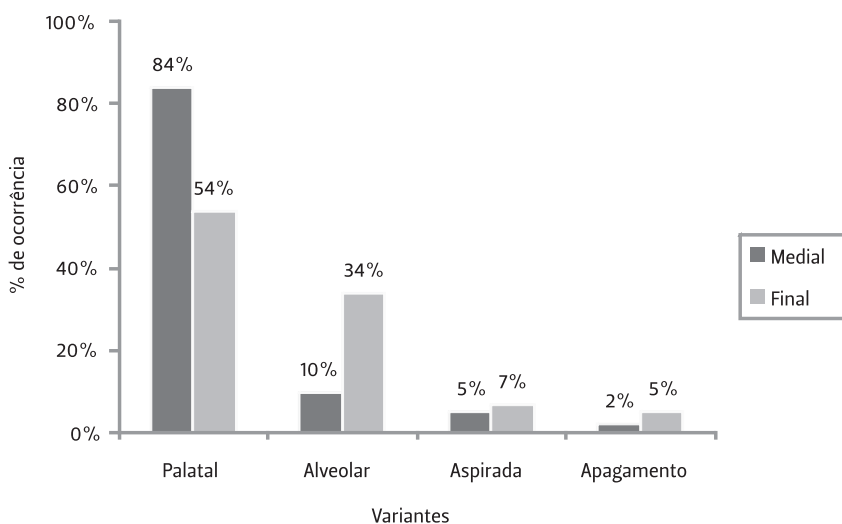


Figura 4 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Recife

Os dados de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palatal (56% e 31%) e alveolar (39% e 51%), se comparadas as posições medial e final. A variante aspirada (4% e 9%) e o zero fonético (1% e 9%) são pouco frequentes, principalmente na posição medial, como comprova a Figura 5.

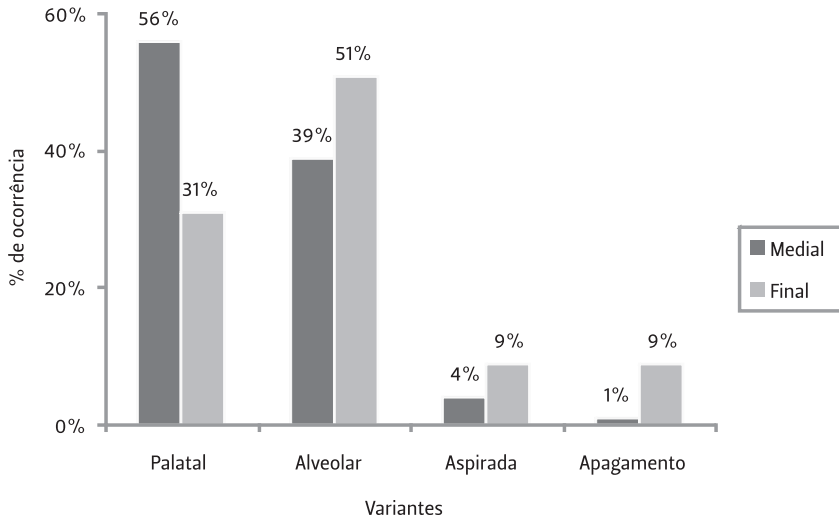


Figura 5 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Salvador

Na discussão que se segue, os autores convergem a atenção sobre a variante palatal, observando-a apenas na posição medial, já que a posição final também envolve processos morfológicos. Destacam os fatores linguísticos: contexto seguinte e dimensão do vocábulo, e os fatores sociais: gênero e faixa etária, como relevantes ao processo. E mostram detalhadamente a frequência de uso da palatal em relação ao gênero nas cinco capitais, buscando, dessa forma, delimitar o processo de palatalização.

Cientes dos resultados da análise de Callou, Leite e Moraes (2002), passamos ao dialeto de Florianópolis, com base nos dados de Bescancini (2002).

### O /s/ pós-vocálico em Florianópolis

Os resultados de Bescancini (2002) referem-se à fala de três regiões do município de Florianópolis-SC: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

O *corpus* referente ao Centro Urbano de Florianópolis conta com 30 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VAR-SUL) e 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001. Já o *corpus* de Ribeirão da Ilha, constituído de 24 entrevistas, foi coletado entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001. O *corpus* referente a Barra da Lagoa, coletado entre 2000 e 2001, é composto por 28 entrevistas. Dessa forma, a

amostra perfaz um total de 100 informantes, sendo 48 da região urbana do município (distrito de Florianópolis), e 52 das regiões interioranas (distritos de Ribeirão da Ilha e de Barra da Lagoa), estratificados quanto a gênero,<sup>3</sup> faixa etária e anos de escolarização.

A variável /s/ em posição pós-vocálica realiza-se, no dialeto de Florianópolis, sob a forma de variante alveolar, palatoalveolar ou palatal, laríngea ou glotal e zero, como demonstram os resultados gerais, expostos na Figura 6.

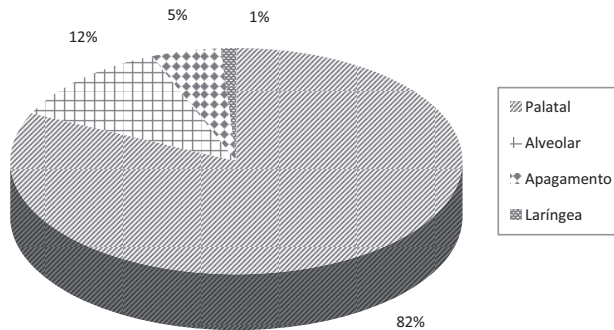


Figura 6 - O /s/ pós-vocálico em Florianópolis

Constatou-se que a variante palatal é a mais frequente, com 82%, destacando-se das demais variantes que somam 18%. A variante alveolar é a segunda mais frequente, obtendo 12% de aplicação, e o apagamento e a fricativa laríngea apresentam valores de 5% e 1%, respectivamente.

Diante da disparidade dos resultados, a autora optou por realizar uma nova rodada em que estabelece uma análise contrastiva entre a variante palatal (83%) e as demais variantes (17%), utilizando como valor de aplicação a variante palatal.

A análise quantitativa é extremamente minuciosa e observa oito fatores linguísticos, a saber: traço [voz], acento, função morfológica, posição da fricativa na palavra, contexto seguinte, contexto precedente, sândi externo e *status* do contexto precedente, sendo os dois últimos subespecificações dos contextos seguinte e precedente, que só foram observados quando da dis-

<sup>3</sup> Diferentemente do utilizado por Callou, Leite e Moraes (2002), Brescancini (2002) opta por utilizar o termo gênero; no entanto, observamos que é apenas uma distinção terminológica, já que o sentido empregado nos dois casos é o mesmo.

cussão desses. E os seguintes fatores sociais: faixa etária, escolaridade, gênero, região, informantes e sentimento do nativo em relação ao turista e ao novo morador, sendo esses dois últimos relacionados com o gênero e a região.

Tendo em vista o grande número de células formadas e a ausência de ortogonalidade entre alguns fatores (BRESCANCINI, 2002, p.179-184), fez-se necessário mais de uma rodada para a determinação dos fatores que influenciam a variante palatal. Os resultados demonstraram que seis fatores lingüísticos – traço [voz], contexto precedente, contexto seguinte, função morfológica, acento, posição da fricativa na palavra (nessa ordem) – e quatro sociais – gênero, escolaridade, região, faixa etária (nessa ordem) – são relevantes para o processo, sendo os lingüísticos mais determinantes que os sociais, segundo a ordem estabelecida pelo programa.

Apenas dois fatores se comportaram de forma distinta durante as rodadas: posição da fricativa na palavra e gênero. O primeiro foi, inclusive, extraído das demais rodadas, já que ocasionava problema de ortogonalidade com os fatores contexto seguinte, traço [voz] e acento. Já o fator gênero foi selecionado como o segundo mais relevante na rodada com os fatores lingüísticos (traço [voz], gênero, contexto precedente, contexto seguinte, função morfológica, acento), diferentemente dos demais fatores sociais que foram selecionados após os fatores lingüísticos.

Brescancini (2002) faz uma análise bastante detalhada dos resultados obtidos, realizando cruzamento de fatores, na busca de estabelecer as relações entre eles no favorecimento ou não da variante palatal. Exporemos aqui apenas os resultados mais gerais, destacando os fatores de cada grupo que favorecem a palatal, expostos nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – O /s/ pós-vocálico em Florianópolis: fatores linguísticos

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Traço [voz]	[-voz]	.62
	pausa	.54
Contexto precedente	ausência de vogal	.92
	vogal dorsal	.62
	vogal e glide labiais	.56
Contexto seguinte	coronais [-ant]	.67
	dorsais	.62
	labiais	.51
Função morfológica	morfema plural	.65
	prefixo	.59
	desinência verbal	.54
Acento	pretônica	.71
	pré-pretônica	.64
	tônica	.51
Posição da fricativa na palavra	medial	.60
	final absoluto	.50

Tabela 2 – O /s/ pós-vocálico em Florianópolis: fatores sociais

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Gênero	feminino	.57
Escolaridade	14 anos ou mais	.56
	6-9 anos	.51
Região	Barra da Lagoa	.55
Faixa etária	61 anos ou mais	.52
	25-40 anos	.51

Esses resultados refletem o quadro variável no dialeto de Florianópolis-SC, reforçando uma maior frequência de uso da variante palatal em detrimento das demais variantes na posição pós-vocálica.

Descritos os resultados de Brescancini (2002) sobre Florianópolis, passemos aos resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) sobre o dialeto paraibano.

## O /s/ pós-vocálico em João Pessoa

Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) foram levantados com base no *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB), implementado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O *corpus* foi coletado em João Pessoa, a partir de 60 informantes estratificados socialmente em relação ao sexo, à faixa etária e aos anos de escolarização. O trabalho de Hora (2003) versa sobre o /s/ pós-vocálico na posição interna à palavra, enquanto o de Ribeiro (2006) se detém na posição final de lexemas, sendo possível, dessa forma, estabelecer-se um paralelo entre as análises.

A partir dos dados de Hora (2003), percebe-se que as variantes alveolares [s, z] (*e[s]fera*, *re[z]vala*), palatais [ʃ, ʒ] (*go[ʃ]to*, *de[ʒ]de*) e glotal [ɦ] (*me[ɦ]mo*) são produtivas, diferentemente da variante zero [∅] que se mostra improdutiva,<sup>4</sup> ocorrendo especificamente com determinados itens lexicais, e, no caso dessa pesquisa, apenas com o item *me[∅]mo*.

É importante mencionar que, no *corpus* observado por Hora (2003), a ocorrência da palatal está associada ao contexto fonológico seguinte coronal. Assim, há uma dominância da alveolar, seguida pela palatal, condicionada ao contexto coronal seguinte, e poucos casos da glotal e do apagamento (Figura 7). Reforçamos que, nesse último caso, as ocorrências são do item lexical *mesmo*, o que provavelmente confirma a hipótese de difusão lexical.

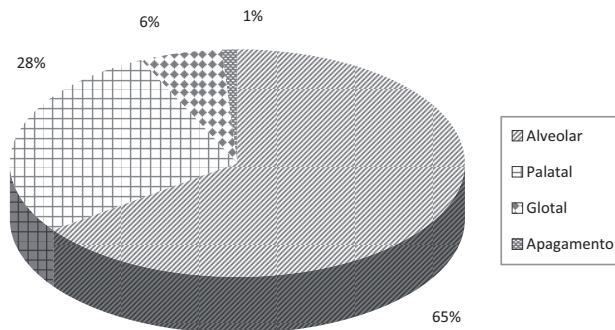


Figura 7 – O /s/ pós-vocálico em posição medial em João Pessoa

<sup>4</sup> O apagamento nessa posição é raro e bem específico de determinados itens lexicais, o que permitiria atribuir-se a um processo de difusão lexical. Ex.: *me[∅]mo*, *di[∅]juntor* e *jurí[∅]dição*.

Diante das poucas ocorrências da glotal (6%) e do apagamento (1%), Hora (2003) optou por fazer uma análise contrastiva entre a variante alveolar e a palatal, para determinar o contexto de uso dessa última, procedimento semelhante ao adotado por Brescancini (2002).

Essa relação contextual determinou os seguintes fatores condicionantes: contexto fonológico seguinte, categoria gramatical e extensão do vocábulo, como consta na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores condicionadores da palatal em posição medial em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Contexto fonológico seguinte <sup>5</sup>	coronal	.86
Categoria gramatical	verbo	.56
Extensão do vocábulo	duas sílabas	.55

Apesar de os dois últimos grupos de fatores terem sido selecionados pelo VARBRUL, percebe-se, pela pouca distância entre os pesos relativos dos fatores selecionados e o ponto neutro, que o contexto fonológico seguinte é o único, de fato, determinante.

A variação do /s/ pós-vocálico na posição final, segundo Ribeiro (2006), também se apresenta sob a forma alveolar [s, z], palatal [ʃ, ʒ] e glotal [h]. Além disso, o apagamento [∅] é produtivo em final de palavra, diferindo da coda interna, como se pode comprovar na Figura 8.

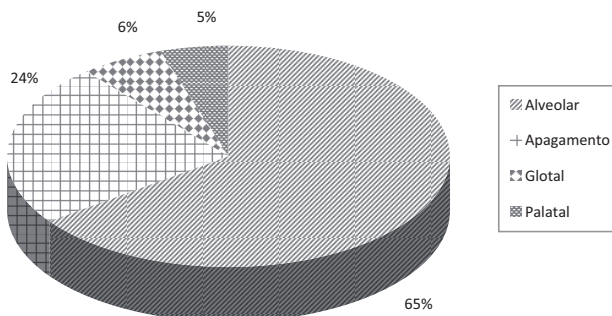


Figura 8 – O /s/ pós-vocálico em posição final em João Pessoa

<sup>5</sup> Salientamos que os outros contextos são quase categóricos: (.01) para as dorsais e (.00) para as labiais.

Diante da pouca frequência de uso das palatais e glotais, Ribeiro (2006) preferiu agrupá-las com as alveolares, formando dois grandes blocos determinados pela presença do /s/ (alveolar, palatal ou glotal) e por sua ausência (apagamento). Disso resultaram as porcentagens de 75% para a preservação e de 25% para o apagamento da fricativa coronal em final de lexema.

A autora examinou, a seguir, a oposição entre a presença e o apagamento, destacando, através da análise estatística fornecida pelo Goldvarb, os seguintes fatores condicionantes: item lexical, contexto fonético-fonológico precedente, contexto fonético-fonológico seguinte, número de sílabas. A Tabela 4 reúne os resultados dos fatores que favorecem o apagamento.

Tabela 4 – Fatores condicionadores do apagamento do /s/ pós-vocálico em posição final em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Itens lexicais	conjunção <i>mas</i>	.71
	verbos	.66
Contexto precedente	vogal alta /u/	.72
Contexto seguinte	fonema /h/	.83
	coronais	.59
	labiais	.54
Número de sílabas	duas sílabas	.68

E como fatores favorecedores da presença da fricativa coronal, os fatores destacados na Tabela 5.

Tabela 5 – Fatores condicionadores do /s/ pós-vocálico final em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Itens lexicais	pronomes	.24
	conjunções	
	numerais	
	adjetivos	
Contexto precedente	vogal baixa /a/	.21
Contexto seguinte	dorsais	.37
Número de sílabas	uma sílaba	.45



Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) refletem que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no dialeto de João Pessoa não é semelhante quando em interior ou em final de lexema, já que foram obtidos número e comportamento diferenciados de variantes para cada posição. Além disso, há distinção entre a ordem estabelecida pelos programas utilizados na análise e os fatores condicionadores dessas variantes.

## Considerações finais

Uma análise dos resultados apresentados pelos estudos mencionados leva-nos a constatar que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro é bastante variável, dependendo da comunidade linguística em que se insere:

1) Com dados do NURC, que avalia cinco capitais brasileiras, pode-se verificar que Porto Alegre e São Paulo têm muita semelhança quanto à variante selecionada como mais frequente, prevalecendo a alveolar; já nos resultados relativos ao Rio de Janeiro e a Recife a forma preponderante é a palatoalveolar. No meio do caminho, entre as duas variantes, está Salvador.

2) Os dados de Florianópolis refletem a preferência pela variante palatoalveolar.

3) Os dados de João Pessoa denotam preponderância da variante alveolar, com preferência pela palatoalveolar apenas diante de oclusivas dentais.

O que fica do exposto é que, por mais que possamos pensar em uma distribuição que nos pareça refletir a realidade brasileira de forma harmoniosa, não podemos esquecer que subjacente a isso está a fonotática que permeia cada uso.

Uma última palavra acerca de Salvador. Quando realizamos este trabalho, ainda não tínhamos em mãos a tese *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*, da autoria de Jacyra Andrade Mota. Temos consciência de que não poderíamos, de forma alguma, resenhar todas as informações ali encontradas em uma das seções de nosso capítulo. É uma lacuna, sabemos. Remetemos, assim, nossos leitores ao trabalho que em sua completude reflete o uso, na comunidade de Salvador, da variável que elegemos como objeto de estudo.

A todos os colegas que têm analisado esta variável, parabéns pelos estudos desenvolvidos. A Jacyra Mota, homenageada com este livro, nossos mais profundos respeitos pelo trabalho que vem desenvolvendo ao longo de sua carreira acadêmica.

## Referências

- BRESCANCINI, Cláudia. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do português falado*. v.8. Campinas: UNICAMP, 2002. p 537-555.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARDEIRA, Esperança. *História do português*. Lisboa: Caminho, 2006.
- HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003. p.69-89.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1996.
- MOTA, Jacyra Andrade. *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Mimeo.
- RAND, David; SANKOFF, David. *Goldvarb - version 2.0: A variable rule application for the Macintosh*. Montreal: Universidade de Montreal, 1990.
- RIBEIRO, Sílvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.